

---

*Imperativos do supereu. Testemunhos clínicos*

Marta Gerez Ambertín

São Paulo: Escuta, 320 págs.

---

## Imperativos do supereu

Durval Mazzei Nogueira Filho

A leitura deste livro produz um efeito: interesse em ler a publicação anterior da autora, *Las voces del superyó en la clínica y en el malestar em la cultura*. Assim é, pois o texto de Marta Gerez Ambertín é instigante.

Por algumas razões.

Entre elas, argumentar muito bem fundamentada em Freud e Lacan e – o que é especial – em momento algum evitar, por algum atalho de tranqüilidade, os impasses na teorização a respeito do supereu. Neste sentido, deixa a céu aberto um dos pontos mais fascinantes da pesquisa, da transmissão e do estudo da psicanálise: não esperar conceitos fechados e acabados que, afinal, alcançaram o estatuto de termos que designam um referente óbvio. O preço de desmontar este fascínio é a transformação desta disciplina em um bem urdido edifício que não deixa nada a desejar às construções científicas do contemporâneo. Tais construções optam por afastar a contra-hipótese de tal forma a fazer valer a hipótese de trabalho com o menor grau possível de contradição. A autora, pelo avesso, deixa claro que o teorizar psicanalítico é mais semelhante às construções de Escher, onde as escadas que descem levam ao andar de cima e é perfeitamente possível caminhar, altivo, com a cabeça para baixo. Isto é, o estilo psicanalítico é mais profícuo quando menos anula a contradição.

---

Diga-se de passagem, que especialmente se atentamos aos primeiros escritos freudianos, os fenômenos observáveis que viriam sustentar a construção da noção de supereu são exatamente aqueles que contradizem a tendência do aparelho psíquico, que haveria de ser natural, em garantir a descarga com um mínimo de civilidade. No prólogo, Braunstein diz que “Freud havia observado desde o início mesmo de sua experiência a existência de uma voz interior maligna e maledicente que perturbava os caminhos do princípio do prazer” (p. 14). E no primeiro capítulo a autora assim se expressa: “O conceito de supereu incorpora-se à teoria porque Freud necessita assegurar que o inconsciente não apenas remete à regularidade de leis estabelecidas (deslocamento e condensação) que permitem sua interpretação, mas também ao que perturba essa regularidade, um além do princípio do prazer” (p. 47). O texto de Gerez Ambertín é um legítimo herdeiro desta forçosa entrada subversiva que o supereu faz no bem bom freudiano em que o prazer era o princípio.

Nesta trilha, crítica o que julga – e é algo facilmente verificável – uma das idéias mais corriqueiras sobre o supereu na fala de analistas. A saber, “que o supereu é condição de normatização do sujeito e resultado da identificação com os pais” (p. 32), bem como fustiga as formulações que visam reincorporar o supereu à promessa de harmonia com o objeto que o princípio do prazer garantiria, bastando que o objeto fosse “o certo”.

Assim, cita Fenichel para quem “o supereu é, como regra geral, um objeto introjetado do mesmo sexo” (p. 35); Heimann que afirma “quando o supereu benigno provoca uma expansão do eu, fá-lo porque no mundo interno do indivíduo sua relação com seus pais bondosos está preservada e mantida, isto é, o eu assimilou seus objetos bons e cresce como resultado dessa assimilação” (p. 34); Grinberg que diz “esta ênfase dada por Freud ... a relacionar o temo ‘supereu’ ... com um significado persecutório e sádico. Apesar de isto ser válido... deve-se ter em conta a existência de outros aspectos positivos e protetores do Supereu que são de suma importância na evolução do indivíduo para seu bom desenvolvimento mental e sua saúde psíquica” (p. 35); Green que fala “o eu somente pode viver com a condição de ser amado pelo supereu” (p. 36).

Há outras citações. Estas bastam, entretanto, para ilustrar o caminho de autores, não pouco destacados, que insistem que o discurso analítico deixa no mesmo lugar o discurso normativo habitual em que o bom é o bom e o mau é o mau, sem que torpezas e máculas torçam pelo menos um pouquinho o acesso claro e distintivo ao Bem. Nas palavras da autora, o desenvolvimento teórico deste tema divide os estudiosos entre “aqueles que reconhecem que há uma inconsistência na lei que regula o laço social na civilização; e aqueles que desde o desejo de um ilusório futuro apontam para um conjunto harmônico em que tudo é curável, razoável e interpretável. Estes lêem no supereu uma promessa

freudiana de regulação e até de garantia do bom neurótico” (p. 47). Como se vê, Gerez Ambertín está ao lado do primeiro grupo e esposa a perspectiva de que há um mancar irredutível na coalizão do corpo com a cultura que determina a constituição do ser.

Para defender sua posição, recorre ao Freud de 1923 e o pilha escrevendo “o supereu como uma instância que é, ao mesmo tempo, ‘herdeira do Isso’ e ‘herdeira do complexo de Édipo’. O que complexifica sua configuração que responde, por um lado, à pulsão e, por outro, à proibição imposta pela lei paterna. Isto nos permite afirmar que toda conceituação do supereu precisa considerar que é ao mesmo tempo ‘eco do Isso’ e ‘eco do complexo de Édipo’ e, em sua gula, volta a encontrar o que deveria mostrar-se separado: proibição, tentação e pulsão” (p. 49). Assim Gerez Ambertín se expressa não deixando pedra de um edifício que, por fim, encontraria o final de sua construção em uma instância mais luminosa, ao mesmo tempo vigilante e propiciadora do bom prazer. Bom prazer alcançado, é claro, na intensidade correta e no bom momento.

Mais que isso. Esta máscara dupla que a autora pendura na face do supereu é útil para discutir um traço que se repete na forma que certas patologias de sempre se apresentam no momento atual. Hans, o Homem dos ratos, Elizabeth von R, Dora: nenhum destes podia realizar o que desejavam. Estava ali a perspectiva além do princípio do prazer que recusava a satisfação, inibia o prazer. É o supereu no campo da lei paterna. O drogadicto, a anoréxica, o jogador, a bulímica, o trepador e a trepadora não podem, ao contrário, deixar de agir. Não inibem o ato que lhes diz respeito. Descortinam outra face do supereu: goza! É o supereu eco do núcleo pulsional do Isso. Aquele que obriga, que não inibe, que excede.

Enfim, a perspectiva que Gerez Ambertín desenrola em seu escrito está em acordo com a direção da clínica psicanalítica de todos os tempos. Clínica que é feita inegavelmente de palavras, interpretações, pontuações, movimento e cura. Mas que também é feita de inércia, repetição, amor impossível, estagnação e fracasso. Percebe claramente que a própria teoria analítica não apenas prevê, mas ainda não inventa atalhos que contornem impasses. Desta forma configura uma importante contribuição ao solitário clínico que exerce seu ofício naquele gabinete barulhento.